

PEDRO MENDES DA SILVA

(Bolsista)

ANA MARIA DOMINGUES DE OLIVEIRA

(Orientadora)

JOÃO ANTÔNIO E LIMA BARRETO

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida na Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

O presente ensaio visa discutir a trajetória intensa da admiração de João Antônio pela obra de Lima Barreto, tentando esclarecer as razões que levaram um escritor surgido na década de 60 a se dedicar de maneira tão forte a um outro autor, morto em 1922. Todas as considerações feitas têm como base o *banco de dados* elaborado durante a pesquisa, como tentativa de rastrear os documentos que faziam referência ao romancista carioca, autor de *Clara dos Anjos*.

Iniciarei abordando a forma das dedicatórias de João Antônio a Lima Barreto, presente em todos os seus livros e possuindo certas características bastante peculiares. Logo depois, recuarei para a segunda metade da década de 70, para tentar refazer o período em que o escritor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* mudava sobremaneira o tom de seus escritos, agora muito mais jornalísticos e ligados ao que parece ser a diretriz de seu projeto literário, descrito em seu manifesto *Corpo-a-corpo com a vida*. A forma como o escritor dedica-se à memória do romancista carioca aponta, então, para uma intensa militância, perceptível nas dedicatórias de seus livros, que estão presentes em toda sua obra, artigos de jornal, participações em congressos, além de palestras sobre o romancista por diversos estados do Brasil, incluindo ainda países como Alemanha.

Ao dedicar uma obra para uma pessoa, o espaço solene da dedicatória adquire um vínculo de caráter altamente íntimo entre o autor da obra, a pessoa a quem se dedica a oferenda e a obra mesma. Espécie de instância de repouso construída pelo autor, para fazer com tranquilidade seus acertos de contas, poéticos ou não, seja com pessoas importantes, lugares ou mesmo uma tradição. A dedicatória acaba sendo o único espaço seguro onde ainda cabem considerações extrínsecas que, se não alteram o produto final, podem certamente somar para o seu valor.

Recuperar o valor da dedicatória e enxergando-a então no seu devido lugar, ou seja, dentro de uma das diversas modalidades de intenção que compõem uma obra de arte, podemos utilizá-las no caso de João Antônio com bastante proveito.

Na obra deste escritor as dedicatórias muitas vezes funcionam como uma espécie de prólogo curto e emocionado ao tema que vai ser tratado. Em *Malagueta, Perus e Bacanaço* de 1963, por exemplo, o escritor ao iniciar a terceira parte do livro que recebe o nome de Sinuca, faz a seguinte homenagem:

À picardia, à lealdade
E em especial à beleza de estilo
De jogo do muito considerado mestre
CARNE FRITA
Professor de encabulação e desacato
E cobra maior do taco nos últimos anos,
Consagro
Com a devida humildade estas histórias curtas

Desta forma, a terceira parte do livro já começa com os devidos agradecimentos a Carne Frita, pessoa de carne e osso que participa de maneira lendária de todo o ambiente em que o autor mais adiante situará seus contos, a saber, o mundo da malandragem. Desta feita, Carne Frita é como que uma fonte, similar às usadas pelos jornalistas para colher dados de primeira hora. Completamente identificado com o samba, João Antônio abre esta dedicatória, quase uma frase de flauta de um chorinho de Pixinguinha, homenageando também em uma só tacada rápida e poética duas outras fortes admirações: Noel Rosa e Aracy de Almeida; uma vez que “professor de desacato” é parte de um verso de “Século do Progresso”, composição do poeta de Vila Isabel, gravado em 1937 por Aracy de Almeida e

o conjunto Boêmios da Cidade. Seguem-se, pois, a esta abertura, os contos “Frio”, “Visita”, “Meninão do Caixote” e a célebre novela “Malagueta, Perus e Bacanaço”, criando no leitor uma aproximação com o tema dos contos, todos ambientados no mundo da malandragem paulista. As dedicatórias então acabam por criar também um efeito de verossimilhança em que se legitima a experiência concreta do narrado.

No livro *Abraçado ao meu rancor*, de 1986, principalmente no conto que dá título ao volume, podemos encontrar mais uma vez esta função de caráter emotivo e experiencial da dedicatória que cria certa intimidade com o assunto tratado. Aqui encontramos um narrador, já de vasta estrada nas letras, fazendo uma espécie de balanço em sua história pessoal, revisitando sua história humilde, vista agora pela ótica de um bem sucedido jornalista e escritor que, por necessidade de sobrevivência, faz expediente também em publicidade, alçado ao status da classe média, enfrentando seus valores pessoais e cismas de maneira bastante irada, descrente e melancólica. A dedicatória que abre o livro traz por sua vez, pela primeira vez em suas dedicatórias, a figura feminina de alguém bastante próximo de sua história de vida, uma avó:

À
Muito feminina
Nossa madrinha
Nair Cardoso Gomes
-avó-
heroína do morro da Geada,
firme na bonita idade de 85 anos,
dedico
com humildade
o narrado

Sabe-se que João Antônio dedica todos os seus livros ao romancista carioca Lima Barreto, muitas vezes com a mesma emoção e assumindo em relação ao romancista uma aproximação que sugere mais que uma admiração, um parentesco mesmo, de ordem espiritual, mediado por posturas e projetos literários que de alguns pontos de vista se assemelham.

O livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* de 1977, inaugura em sua obra o programa desta admiração.¹ Toda dedicada a Lima Barreto, a obra em questão utiliza-se de vários trechos dos livros de/sobre Lima Barreto, para compor sobre sua montagem quase cinematográfica, a imagem de um simpático e muito humano escritor, para o qual, repita-se, dedicou todos os seus livros.

No livro *Ô Copacabana*, de 1978, João Antônio faz uma espécie de crônica apaixonada e feroz da decadência de Copacabana, valendo-se de uma prosa bastante híbrida, em que fica claro um tom de denúncia, presente em críticas que passam tanto pelo descaso governamental da época, como o vazio dos valores reinantes então, crítica de costumes e também de comportamento. Neste livro João Antônio faz a seguinte dedicatória:

A
Afonso Henriques de Lima Barreto
Nunca bastante lembrado
Pioneiro
Captador de bandalheiras

¹ Não vou me ater as particularidades desta obra neste ensaio pois ela constitui por suas particularidades próprias um corpo diferenciado na produção de João Antônio, sobre a qual a pesquisadora Luciana Cristina Corrêa vem se debruçando em sua tese de doutorado.

E denunciador
Desconcertante
Consagro
Com a devida humildade

Encontramos aqui um Lima Barreto “captador de bandalheiras”, “denunciador”, que se encaixa perfeitamente no programa executado por João Antônio de críticas ao bairro carioca. As dedicatórias para Lima Barreto possuem uma certa variação expressiva que obedece, parece-me, certas intenções que podem variar de acordo com o tema tratado no livro, realçando ora o esquecimento a que estava relegada a obra barreteana, ora a atualidade da mesma ou mesmo ao talento do escritor, estabelecendo minimamente, creio eu, uma relação de significação, de acordo com o projeto temático da obra lançada.

Um último exemplo para ilustrar este uso da dedicatória pode ser encontrado no livro *Lambões de caçarola (trabalhadores do Brasil)* no qual João Antônio refaz de maneira bastante lírica e simpática sua visão dos anos de governo de Getúlio Vargas, partindo, é claro, da periferia, do Beco da Onça e da imagem bastante querida que o presidente alcança nos trabalhadores mais humildes, traçando um desenho em que fica evidenciado o contorno humano de um Vargas que defendia a gente mais humilde, miúda. Em certo momento do livro, ao refletir sobre o sentimento da gente humilde diante do presidente, o narrador conclui: “Como poderia um patoludo daqueles, pesadão, poderoso, defender gente miúda, arrelhada, da pá virada, metida, saída, tirada e oferecida sem ser querida?” (Antônio, p.09).

Pois bem, neste livro, a dedicatória a Lima Barreto aparece na seqüência de uma anterior, emocionada, ao pai do escritor, também João Antônio Ferreira, “ainda firme na

luta”. Lima Barreto aparece, desta forma, ao lado de um verdadeiro trabalhador do Brasil, pai do autor e possível vetor das reminiscências getulinas do livro. Diz a dedicatória:

Para

JOÃO ANTÔNIO FERREIRA

-meu pai-

ainda firme na luta

Ao

Exemplo

À limpeza de caráter, à coragem, ao talento

Do

Pioneiro,

Sempre vivo,

AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO,

Consagro com a devida humildade

Lado a lado, dois exemplos de trabalhadores dignos, um pai do autor, “ainda firme na luta” e outro romancista, espécie de representante das letras dessa mesma gente humilde e trabalhadora e que possui como cada um deles, seria possível dizer, “limpeza de caráter” e “talento”. Desta forma, para o leitor, o pai do autor e Lima Barreto ficam num mesmo horizonte, quase como personagens do livro, de um Brasil humilde, honesto e trabalhador.

Todos estes exemplos acima mencionados, servem-nos, então, para dar a medida da constância que a admiração pela obra de Lima Barreto assume na obra de João Antônio, aparecendo em todos os seus livros, em menor ou maior grau, conjugado logo no início da obra a certos propósitos temáticos.

Não só de dedicatórias, porém, nutria-se esta admiração, já que João Antônio, militou de maneira incansável pela memória da obra e do nome do autor de *Policarpo Quaresma*, uma militância que, nos jornais, acompanhou toda a sua carreira. Algumas vezes este gostar da obra assumia mesmo ares de obsessão, dada a quantidade exaustiva de palavras que remetem à obra barreteana, como por exemplo, bruzundanga², que o escritor utilizava a propósito de qualquer assunto, muitas vezes sem ligação qualquer com Lima Barreto³ e sua obra, a não ser por uma longínqua semelhança de estado das coisas brasileiras. Uma carta enviada ao Pasquim, assinada por Armino Blanco, dá conta desta prática de João Antônio. Nela o autor comemora o relançamento das obras completas de Lima Barreto pela editora Brasiliense, mas reclama da prática abusiva de João Antônio dizendo :

Depois que o João Antônio começou a citar Lima Barreto a propósito de qualquer bruzundanga e outras remandiolas, fiquei sem nenhuma vontade de reler Lima Barreto. (Blanco)

Para entendermos melhor a razão desta prática um tanto desvairada de João Antônio em favor de Lima Barreto, é necessário um certo recuo temporal, para situar em que momento preciso inicia-se esta estratégia.

No começo da década de 1970, o escritor, jornalista e experimentado repórter João Antônio, autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, dá entrada no Sanatório da Muda, na Tijuca, para tratar-se de uma estafa. A experiência, muito presente em diversos dados

² Palavra derivada do título do livro *Os Bruzundangas de Lima Barreto*..

³ No *banco de dados* coletado fica evidente esta apropriação exaustiva em documentos como “História de luz na República das Bruzundangas” que a par do título que remete a Lima Barreto e sua obra, nada mais é do que um texto autobiográfico em que João Antônio não cita ora nenhuma nem o romancista carioca, nem sua obra, muito menos explica o porque de remeter o título do texto a Lima Barreto.

biográficos relativos ao autor, é uma espécie de momento-chave de sua trajetória literária. É a partir deste acontecimento que, segundo o próprio João Antônio, lê e relê toda a obra de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922). Segue-se a este fato o retorno do escritor ao cenário literário, com a primeira reedição de seu livro de estréia, em 1975, assim como o lançamento de mais outros dois livros, respectivamente, *Leão-de-chácara* e *Malhação do Judas carioca*, todos eles já devidamente dedicados ao romancista carioca, o que irá ocorrer até seu último livro, lançado em 1996, *Dama do Encantado*.

Se para o leitor de *Leão-de-chácara* ficava claro que o autor de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* continuava fiel ao seu estilo inicial, recriando a oralidade do povo com maestria e retratando e renovando os tipos malandros da ficção brasileira, o mesmo não ocorria, para aquele que fosse ler *Malhação do Judas carioca*, em que fica claro um autor completamente embebido da experiência jornalística. Acompanha este livro, na verdade, uma coletânea das melhores reportagens do autor publicados em revistas e jornais⁴, um manifesto, redigido como um pós-escrito, intitulado *Corpo-a-corpo com a vida*, em que o escritor expõe os nortes que irão reger agora sua literatura.

Preocupado em defender uma escrita em sintonia com a realidade urbana brasileira, com o fato social, diz ele:

.... uma literatura que reflita a vida brasileira, o futebol, a umbanda, a vida operária e fabril, o êxodo rural, a habitação, a saúde, a vida policial, toda aquela faixa a que talvez se possa chamar radiografias brasileiras. (ANTONIO, 1975, 143)

É precisamente neste momento que João Antônio recorre a uma espécie de *paideuma* de autores que seguiam certos preceitos postulados por ele em seu manifesto, são

⁴ Sobre este assunto ver o esclarecedor livro de Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho, *João Antônio: repórter de Realidade*.

eles, na ordem em que aparecem no texto, Lima Barreto, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Oswald de Andrade e Manuel Antônio de Almeida. Todos eles, na opinião de João Antônio, preocuparam-se com o fato social e com o levantamento de uma literatura caracteristicamente nossa.

Parece que assim João Antônio, no dizer popular, tinha encontrado sua turma e, com ela, aquele com quem iria construir durante toda a sua trajetória literária e jornalística, uma relação de identidade profunda e verdadeira: Lima Barreto, enxergando nele e em sua vida e obra as raízes de sua postura combativa e abertamente brasileira.

Neste mesmo livro, *Malhação do Judas carioca*, o autor, ao se deparar com o problema dos trens suburbanos da Central do Brasil, no texto de nome “Pingentes”, recorre a Lima Barreto para dizer que, já em 1921, numa época em que vigorava na literatura brasileira o modelo de um beletismo caracteristicamente parnasiano, um mulato morador de Inhaúma (portanto da periferia) já percebia no livro *Clara dos Anjos* que “o subúrbio é o refúgio dos infelizes.”

O escritor vai além, reclamando que falta, para compreendermos nossos problemas, uma outra ótica que parte necessariamente de uma posição outra, de uma perspectiva, digamos, mais de dentro. Diz o escritor:

Curioso como sobre todo o problema falta uma ótica à Lima Barreto. Ou melhor, como seus intérpretes, repórteres, escribas, responsáveis conseguem imediatamente enxergar tudo sob o ângulo de quem não é passageiro da Central e vê o desastre do lado de fora. (Antonio, 1975, p. 25.)

Ao reclamar de uma falta de “ótica à Lima Barreto” diante dos problemas sociais, o escritor usa claramente a obra do romancista carioca como lente, espécie de superfície de

visão através do qual deverá partir necessariamente o raio de seu olhar literário sobre o real. Creio que é justamente neste olhar da crônica, dos acontecimentos do dia-a-dia de uma urbanidade já bastante acelerada e desregrada em sua lógica excludente, que João Antônio se irmana com o escritor-símbolo de seu projeto literário. O que uniria os dois é justamente uma semelhança de postura, uma sensibilidade diante de uma urbe muitas vezes desprovida de valores humanistas.

Em uma crônica publicada na *Gazeta de Notícias* em 06 de outubro de 1921, intitulada “A Estação”, Lima Barreto reconhece já naquela época que:

Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel é o centro, é o eixo dessa vida. (Barreto, p.21)

Segue-se a esta assertiva uma série de pequenos momentos da *gare* suburbana, recheado de diálogos do povo mais humilde do Rio de Janeiro daquela época, demonstrando a percepção de um Lima Barreto atento para o que dizia esta gente simples, do qual ele mesmo fazia parte, moradores de Cascadura, Madureira, Méier, Inhaúma, Boca do Mato, até hoje em dia lugares periféricos da vida social carioca, sempre presa à mítica e rica zona sul.

Com efeito, em mais outros momentos, como na crônica intitulada “O trem de subúrbios”, Lima Barreto se detém uma vez mais na estação e em seus trens, adivinhando no curso do itinerário que leva trabalhadores humildes até a Rua do Ouvidor, o único espaço na qual esta gente, sem grandes importâncias no *status quo* da cidade, tem para gozar de certo prestígio entre os seus:

Porque é no trem que se observa melhor a importância dessa gente toda. Eles estão na sua atmosfera própria que os realça desmedidamente. Chegam a Rua do Ouvidor, e desaparecem. São uns fantoches. (Barreto,p.34)

Ou seja, mais uma vez podemos observar um cronista que consegue captar seu povo em sua “atmosfera própria”, desvelando as diversas matizes e nuances de situações corriqueiras, que só mesmo quem compartilha destes momentos numa relação quase de igualdade é que pode reconhecer e posteriormente dar tintas mais verdadeiras e reais, quer seja para enaltecer ou mesmo criticar a mediocridade de um povo, dos mais abastados aos mais humildes, capturado pelos moldes franceses de um Rio de Janeiro tristemente descaracterizado de sua singularidade.

Creio que justamente esta visão que parte da referida atmosfera própria dos mais humildes que João Antônio sempre reclamou para si e para os planos de sua literatura, um verdadeiro *corpo-a-corpo* com a vida brasileira, uma visão de dentro, ou melhor lado-a-lado , “um bandido falando de bandido”, como ele mesmo prega em seu manifesto *Corpo-a-corpo com a vida*:

Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da modificação desse povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. *Corpo-a-corpo*. A briga é essa. Ou nenhuma. (Antônio,145)

Para dar mais atualidade aos seus preceitos, João Antônio estabelecia que, ao lado dos autores brasileiros que possuíram atitudes iguais ou semelhantes, em especial o mulato Lima Barreto, tomavam postura idêntica os escritores norte-americanos então em voga,

como, Truman Capote, Norman Mailer, Horace MacCoy⁵, o jornalista italiano Vasco Pratolini e a revista alemã, também nos moldes do *new journalism*, *Der Spiegel*. Por fim, o autor costurava todos estes preceitos e autores sobre a manta imbatível de escritores como Cervantes, Dostoiévski, Stendhal, Balzac e Zola, na ordem em que aparecem no referido manifesto.

Todo este programa, espécie de plano piloto de ação⁶ de seu projeto literário, regeu não só os seus escritos literários, mas também o tom de seus artigos de jornal, principalmente naqueles em que esta pesquisa se dedicou a recolher, ou seja, os dedicados a Lima Barreto.

Nestes artigos fica clara uma aproximação bastante sentimental do escritor-símbolo de sua literatura, como se pode perceber lendo os títulos dos textos, como, por exemplo: “Lima Barreto, o mais carioca do Rio”, “Saudades do Mulato”, “Lima Barreto um caso ardido”, “Lima Barreto, agora”, “Lima Barreto, Pingente”.

Em todos os textos contidos no mapeamento realizado, repetem-se constantemente parágrafos, trechos inteiros e exemplos dos livros da obra barreteana. Trechos como os que vão se mostrar a seguir são recorrentes em um sem número de artigos e inclusive repetidos em entrevistas:

De Afonso Henriques de Lima Barreto está tudo aí, vivo, pulando, nas ruas, se mexendo, incrivelmente sem solução, cinquenta e quatro anos⁷ depois de sua morte.

(Lima Barreto, Pingente; Lima Barreto, Agora; introdução ao *Calvário e Porres* entre outros)

⁵ Respectivamente autores de *A sangue frio*, *O sonho americano* e *Mas não se matam cavalo?*, este último adaptado com grande sucesso para o cinema com o título brasileiro de *A noite dos desesperados*.

⁶ Utilizei esta expressão para dizer de uma época ávida por manifestos, em que o símbolo mor brasileiro é sem dúvida o Plano piloto da poesia concreta, várias vezes criticado de maneira velada por João Antônio.

⁷ Os anos variam de acordo com a distância da morte do escritor.

Há escritores em que o leitor vê atrás deles uma biblioteca, uma *sapientia*, uma sofisticação intelectual, uma aflição estética, antes de ver seus personagens. E há escritores atrás dos quais e mesmo ao lado deles, logo se vê de pronto, um povo-com suas caras, roupas, cheiros, as maneiras de ser. Assim era e é Lima Barreto. (Lima Barreto, um caso ardidoII, Lima Barreto, o mais carioca do Rio entre outros)

Lima Barreto pertence a uma família universal de escritores cuja marca é o humanismo que se agita por um permanente espírito de luta: Cervantes, Gogol, Dickens, Gorki... (Lima Barreto, um caso ardido I, entre outros muitos)

De maneira geral, pode-se dizer que o escritor ressaltava principalmente em seus textos a atualidade da obra barreteana, sua postura iconoclasta frente aos moldes literários vigentes em sua época, importados de segunda mão da Europa e de tom bastante preciosista, sua postura combativa em defesa de valores humanistas na esteira dos escritores russos⁸, assim como seu caráter sensível diante das mazelas dos marginalizados e por fim sua feroz e permanente denúncia dos males do Brasil de seu tempo.

Todas estas características são de fato expressões verdadeiras do perfil literário de Lima Barreto, como o são, na mesma medida, traços bastante marcantes da persona literária de João Antônio. Ou seja, em sua luta pelo reconhecimento da qualidade dos escritos barreteanos e de sua pertinência para a compreensão do país de sua época, o escritor estava assegurando, assim, em mais uma tacada de mestre, seu lugar na tradição da ficção brasileira de caráter urbano, a semelhança de seu projeto literário, que entrava por tabela

⁸ A grande paixão de João Antônio era a literatura russa, como percebe-se facilmente em suas entrevistas e em sua biblioteca pessoal.

em suas considerações e o seu lugar no futuro, uma vez que, em suas radiografias brasileiras, tenta também fotografar o país de sua época.

Alia-se a isso uma postura bastante intensa de João Antônio pela profissionalização do escritor brasileiro, suas inúmeras palestras sobre a vida e obra de Lima Barreto, que correram praticamente todo o país e que inclusive contou com participações internacionais.

A eficácia da construção desta identidade⁹ pode ser conferida pelo fato de o nome e a obra de João Antônio serem comumente associados à obra de Lima Barreto. Em 1981, por exemplo, o romancista baiano Jorge Amado escreve uma carta para a seção de leitores do *Suplemento literário Minas Gerais*, por ocasião da segunda edição de *Malhação do Judas carioca*:

Termino relendo o livro todo com o mesmo prazer com que li a primeira edição. Aí está o Rio de João Antônio, um novo Lima Barreto, um Lima Barreto do nosso tempo. (Amado, 1981)

Outro fato que atesta a junção do nome dos dois escritores brasileiros (Lima Barreto e João Antônio), tanto por parte de seus leitores como pela crítica literária de cunho acadêmico, pode ser conferida pela participação dos textos de João Antônio em diversas publicações especializadas na obra do romancista carioca. O escritor figura, por exemplo, no volume da coleção ARCHIVOS/ UNESCO, coordenada por Antônio Houaiss e Carmem

⁹ Há sobre a relação entre os dois escritores um ensaio de Antonio Arnoni Prado, publicado no número 19 da revista *Remate de Males* e atualmente em seu livro *Trincheira, palco e letras*, intitulado “Lima Barreto personagem de João Antônio”. Divirjo ligeiramente de sua afirmação de que as dedicatórias de João Antônio eram variações da mesma frase, “A Lima Barreto, pioneiro, consagro”, uma vez que creio ter demonstrado que suas dedicatórias possuem sim uma variação expressiva e significativa, aliadas a intenções do próprio autor. Também não creio ser apenas Lima Barreto personagem de João Antônio, mas também, em certa medida, João Antônio personagem de si mesmo.

Lúcia Negreiros, que conta com uma constelação enorme de importantes acadêmicos ligados ao estudo de Lima Barreto¹⁰.

Mais recentemente, quando a revista mensal *Caros Amigos* dedicou alguns números destinados a *dar voz à literatura marginal*¹¹ contemporânea, estampou, logo em seu primeiro número, entre os agradecimentos a emocionada dedicatória:

“João Antônio (eterno e único), Plínio Marcos, Lima Barreto, Comunidade Jardim Comercial ...”

Desta forma, fica evidente que a construção desta identidade encontra ainda na nova geração uma forte ressonância e que para todos os efeitos João Antônio encontra-se agora lado-a-lado de seu escritor-símbolo.

Mais do que mero artifício de auto-promoção, a postura de João Antônio aponta para uma incansável construção de uma persona literária que resistisse ao tempo e que trouxesse em vida o reconhecimento desejado, mas que também fosse a expressão acabada de um artista senhor de seus meios de expressão e consciente de seu lugar na sociedade, assim como o seu papel na tentativa de inculcar na mesma, principalmente entre os jovens, valores mais humanos, que segundo cria, eram as raízes mesmo de sua literatura.

BIBLIOGRAFIA

¹⁰ A seleta da obra de Lima Barreto organizada por Eliane Vasconcelos, conta com texto de João Antônio em sua fortuna crítica.

¹¹ Utilizo a palavra *marginal* em itálico, pois sua aceção possui uma gama muito grande de entendimentos. No caso, trata-se de uma referência ao grupo de escritores da periferia dos grandes centros, entre os quais destaca-se o nome de Ferréz.

AGUIAR, Flávio. *A palavra no purgatório*. São Paulo: Boitempo, 1997.

AGUIAR, Flávio. *Um escritor na República das Bruzundangas*. São Paulo: Movimento, 14 jul. 1975.

AMADO, Jorge. *Suplemento Literário Minas Gerais, nº 761, 2/05/81*.

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: INL/Civilização Brasileira, 1975.

ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

ANTÔNIO, João. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

ANTONIO, João. *Casa de Loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ANTONIO, João. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ANTONIO, João. *Lambões de caçarola*. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 1978.

ANTONIO, João. *O Copacabana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ANTONIO, João. *Dedo-duro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

ANTONIO, João. *Noel Rosa. Literatura Comentada*. nº 9, São Paulo: Abril Educação, 1982.

ANTONIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. 2.ed. São Paulo, Cosac & Naify Edições, 2001.

ANTONIO, João. *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!* São Paulo: Scipione, 1991;

ANTONIO, João. *Guardador*. São Paulo: Scipione, 1992.

ANTONIO, João. *Patuléia*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

ANTONIO, João. *Sete vezes Rua*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

ANTONIO, João. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

AZEVEDO Filho, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio, Repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002.

BARRETO, Lima. *Melhores Crônicas*. Seleção e prefácio Beatriz Resende. São Paulo: Global, 2005.

BARRETO, Lima. *Prosa seleta*. Org. Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BARRETO, Lima. *Lima Barreto – Triste fim de Policarpo Quaresma*. Coord. Carmen Lúcia Negreiros & Antônio Houaiss. Paris: Coleção Archives/UNESCO, 1997.

BLANCO, Armindo. Pasquim, s.d.

CHIAPPINI, Lígia; DIMAS, Antônio; ZILLY, Berthold. *Brasil País do Futuro?* São Paulo: EDUSP/ Boitempo, 2000.

LOPEZ, André Porto Ancona. *Como descrever documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado, 2002.

PRADO, Antônio Arnoni. *Trincheira, palco e letras*. São Paulo: CosacNaify, 2004.

SANTOS, Z.D.M.M. *Preservação de documentos - métodos e práticas de salvaguarda*. Salvador: EDUFBA, 2000.

SILVA, Zélia L. (org.). *Arquivos, patrimônio e memórias: trajetórias e perspectivas*. Assis: UNESP, 2000.

VÁRIOS. *Remate de males* n. 19. João Antônio (número especial). Campinas, 1999.

VIANNA, A; LISSOVSKY, M; & SÁ, P.S. A vontade de guardar : lógica de acumulação em Arquivos privados. *Arquivo & Administração*. Rio de Janeiro, 1986.